

SETEMBRO/OUTUBRO 1985 - ANO II Nº 7



Cyanicterus cyanicterus (Vieillot) 1819

Nome popular: Pipira Azul

Nome em inglês: Blue-backed Tanager

Distribuição geográfica: leste da Venezuela, Guianas e Brasil norte-amazônico.

Habitat: florestas

O quase desconhecido traupídeo C. cyanicterus, único membro do gênero, foi registrado primeiramente como habitante das Guianas, com um único registro fora destas fronteiras, no Brasil, mais precisamente no baixo rio Negro, perto de Manaus. O Carnegie Museum tem duas peles deste pás saro, coletadas em 2 de abril de 1910, Venezuela; o terceiro espécimen, coletado no mesmo dia, uma fêmea, foi trocado com o Real Museu de História Natural de Estocolmo, Suécia, em 1931. Existem somente nove peles nas coleções do mundo inteiro.

Coletei três exemplares, os primeiros com provadamente encontrados em território brasileiro, em 15 de agosto de 1969, na Serra do Navio, Prapá; dois machos e uma fêmea, pousados ios galhos de uma árvore, em meio a um bando de saíras.

Medidas:

- Macho: (pele na coleção do Museu de Zoologia da USP)
 Peso 35g; comprimento total 186mm; asa 92mm; cauda 69mm; bico 22mm; tarso 21mm.
- Macho: peso 35g; comprimento total 185mm; asa 94mm; cauda 71mm; bico 22mm; Tarso 22mm.
- Fêmea: peso 37g; asa 90mm; bico 22mm; tarso 23mm; sem cauda.

Descrição: Macho- cabeça, peito, dorso e cauda, azul cobalto; parte ventral, amarelo dourado; bico preto, olhose pés amarelos.

Fêmea - lado dorsal, azul-esverdeado; asas, azul-claro; lados da cabeça e parte ventral, amarelo; garganta e parte alta do peito, amarelo tendente a ocre; bico preto, mas mais claro do que o do macho; pés amarelos.

Texto e desenho de Rolf Grantsau

SUMÁRIO

- PAG. 2 Pipira Azul C.cyanicterus
- PAG. 2 A Reprodução do Tisiu em Cativeiro.
- PAG. 6 Garça Branca Pequena.
- PAG. 7 Alimentação e Manejo de Aves -Aves que merecem referência em separado.
- PÁG. 9 Observações sobre a Reprodução de Patativa em Cativeiro.
- PAG. 10 Aves e Ovos.
- PAG.11 Plantas e frutos Pixirica Leandra e Miconia
- PÃG. 13 Criação e Mutações Parte VI Cardeal • Cigarrinha Chiadeira
- PAG. 16 Criando Sanhaços em Gaiola
- PAG. 16 Notas e Noticias.

CRIAÇÃO EM CATIVEIRO DO TISÍU
(Volatinia jacarina)

Autor: Paulo Rui de Camargo

CONSIDERAÇÕES GERAIS - O tisíu (também conhecido popularmente, no Brasil, pelas denominações de serra-serra, saltador, veludinho, alfaiate ou, no exterior, por blue black grassquit ou jacarini finch) foi considerado, durante largo período, ave sem maior significado. Esta, talvez, a razão pela qual grande parcela de passarinheiros não lhe propiciaram o devido valor.

Podemos dizer, entretanto, que este exem plar de nossa ornitofauna é um dos pássa ros mais graciosos e que, além disso, po de ser reproduzido em cativeiro.

Diverge a opinião dos entendidos em cria ção de pássaros silvestres, ativos, a respeito da facilidade ou dificuldade, de criação do tisíu, em regime de cativeiro. Afirmam uns, que esta pequena ave cria com facilidade, enquanto, outros, enten dem ser difícil a criação.

Na natureza esta espécie nidifica em tou ceiras ou moitas de capim, ou ainda em

arbustos baixos, em alturas variáveis do solo (8 cms até 2,70 m.), como consigna ram BARNARD (1956) e ALDERTON (1963) - (apud Luiz Octavio Marcondes Machado in "Alguns aspectos do comportamento e da biologia de Sicalis flaveola", tese de doutoramento - São Paulo - 1980, pág.120

O tisíu muito se presta a este louvável intento, a criação em cativeiro, não só pelo tamanho pequeno, rusticidade, mansidão, facilidade de manejo e mantença, mas ainda pela rápida adaptação em ambiente artificial.

O serra-serra, portanto, pode ser criado em viveiros (que não necessitam ser mui to amplos, por exemplo 1,50 m. de comprimento por 1,00 m. de largura e 1,50 de altura), ou mesmo em gaiolões (1,00 m. X 0,50 cms. X 0,80 cms. - comp., larg., altura).

As regras básicas para este mistér específico se resumem na escolha de um bom casal reprodutor (o qual deverá ficar separado de outras aves); no posiciona—mento da gaiola-criadeira ou viveiro (em local de pouco movimento) e alimentação adequada, de preferência após o nascimen to dos filhotes. De resto, basta aguar dar a época propícia de acasalamento, ni dificação, postura, incubação, e nascimento dos filhotes.

A partir do mês de outubro em diante, no decorrer da primavera e verão, constitue o período em que esta espécie nidifica e procria, especialmente no Estado de São Paulo.

CRIAÇÃO - Levando em conta as considera coes acima, resolvemos criar o veludinho. Em agosto, separamos, numa gaiola-cria - deira (medidas acima referidas), um jovem casal desta espécie.

O macho nos chegara às mãos no final do mês de março, ostentando parcialmente sua plumagem juvenil, ainda meio pardacenta, mas já bastante pintalgada com a côr característica dos exemplares adultos, isto é, preta com reflexos azuis escuros me tálicos. A fêmea adulta já se encontrava em nosso poder há mais de ano. Era mui to dócil e bem adaptada ao regime de cativeiro.

O gaiolão de madeira com grades de arame possuía dois compartimentos autônomos. Es tava separada, no centro, por grade divisória movediça.

Antes de introduzir os reprodutores, colocamos (na parte do alojamento a ser re servado a fêmea) uma forquilha seca de um arbusto de hortensia, com cinco galhos finos. Estes galhos foram fixados com arame fino nas grades da gaiola. No vão central formado pelos ramos, foi encaixado um ninho, por nos confeccionado com filames de corda de juta bem macia —

(da espessura de um lapis), costurados com fios do mesmo material. O ninho foi também fixado nos galhos com barbante, a fim de não se movimentar e desprender. Envolvemos, depois, essa mesma forquilha em toda a volta, com galhos finos de bam bu-jardim (com bastante folhagem sêca) para melhor esconder o ninho, deixando, no entanto, um buraco, da largura de um punho fechado, no meio da ramagem, para a entrada dos passarinhos. A observação do ninho passou a ser feita por cima da gaio la, que foi coberta, no teto, com um papelão grosso.

Depois disso feito, introduzimos o casal, ficando o macho separado da fêmea pela citada divisória móvel. A separação dos sexos perdurou até o final de dezembro, quando passamos a notar maior interesse recíproco dos reprodutores. O macho começou a cantar saltando de um poleiro para outro e dando pequenos voleios para o alto, como acontece na natureza. Pare cia dar mostras de já se achar "femeado". Sua companheira, de outro lado, prestava atenção aos rápidos trinados do futuro consorte, piando curto algumas vezes. As sim, resolvemos abrir a divisão, juntando o casal.

Não houve, após isso, sinais ostensivos de acasalmento. Os dois se relacionavam muito bem, não brigavam, inclusive, dor miam emparelhados. Mas não exteriorizavam nítidos sinais de cortejo nupcial es pecífico. O macho, entretanto, continuou a cantar, agitando-se com intensidade. A fêmea continuava calma, não pedia "gala", mas passou a visitar o ninho com frequên cia, entrando várias vezes, durante o diā, no meio da ramagem.

Em 22 de janeiro, pela manhã, notamos, pe la primeira vez, que a fêmea chegou a se agachar no poleiro, em postura de solici tação, ao ouvir o canto do companheiro. Todavia, não pudemos verificar o macho "galando". Averiguamos que o macho começou a entrar no interior das folhagens, em diversas oportunidades, parecendo ins pecionar o local do ninho. Resolvemos, nesse dia, colocar material de nidificação.

Antes disso, já havíamos colocado mate - rial para o casal. Todavia, não houve in teresse. O material foi apenas puxado e depois abandonado no fundo do gaiolão.

Dessa vez fornecemos, por entre os arames da gaiola, variado material para a construção de outro ninho, ou forração para aquele por nos construído.

Foi-lhes ministrado os seguintes materiais: fibras finas desfiadas de folhas secas de capim-barba-de-bode(Eragrotis sp), fibras de sisal (Aqave sp), fiapos de saco de ania gem, fios de cabelo humano, cerdas de rabo e crina de cavalo, colmos secos de va

rias gramíneas e folíolos de capins de multiplas espessuras, hastes e gravetinhos bem finos e flexíveis, paina, fios de "barba-de-pau" ou "barba-de-velho" (Tillandsia usneoides), palha de folhas secas de bambu e bananeira desfiadas, raízes de diversos capins, todos cortados num tamanho de cerca de 10 a 15 cms. de comprimento para não embaraçarem nas unhas e nos pés das aves.

No mesmo dia, o macho começou a puxar o material, escolhendo, com o bico, um e outro, carregando para o lugar do ninho, no interior da folhagem. Percebemos que, tanto o macho, como a fêmea, carregavam raízes e colmos de gramíneas sêcas e alguns gravetinhos, procurando trançá-los por entre os galhos da forquilha e dos ramos de bambu, entrelaçando-os ao redor e por cima do ninho já pronto, formando a armação do anel exterior.

De acordo com ALDERTON (Breeding of Blueblack Grassquit - 1962, pág. 158) o casal constroe o ninho em conjunto tendo, porém, o macho a iniciativa dessa atividade, fato esse que foi também por nos observado.

Entre os diversos materiais à disposição (jã acima descritos) os reprodutores - começaram por escolher, primeiro aqueles mais grosseiros, as raízes, as fibras do coqueiro, os, colmos secos de gramíneas, as hastes finas e os gravetinhos flexíveis. Essa atividade demorou dias, num ir e vir dos reprodutores. Carregavam, no bico, as pequenas hastes e fibras até o lugar de nidificação. Depois de revestir o ninho com esses materiais, os pássaros passaram a levar, posteriormente, crina de cavalo, certas raízes mais finas e al guns fiapos de sisal, entremeando-os na base já preparada.

ALDERTON (ob. cit. loc. ref.) explica que observou ninho de tisiu (Volatinia jacarina) composto de fibras resistentes como gavinhas, radiculas e talos de capim, sendo que CARVALHO verificou que os ninhos eram mais delicados internamente (apud "Notas ecológicas sobre Volatinia jacarina", in Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi, N.S. (2), 1957, págs. 1/10).

Durante estes preparativos finais, a fêmea se mostrou mais eficiente, enquanto o macho quase nada ajudava. Limitou-se a levar poucas raízes e fios de cabelo para o ninho. Mas, vez por outra, visitava o local, entrando e saindo pelo buraco existente na folhagem.

No dia 28 de janeiro, ao observar o local, por volta das 8 horas da manhã, presenciamos, no fundo da cavidade da tijela, um ovinho, semelhante aos ovos do manon (Lonchura (Munia) domestica) com aproximadamente 16 mm. de comprimento e 12 mm. de largura, pesando cêrca de 1,5 g. de cor branca e com pintas ou man chas marrom-ferruginosas.

O professor Luiz Otávio Marcondes Machado acrescenta serem os salpicos ou pintas de coloração castanho-avermelhados,-ligeiramente concentrados no polo mais largo (vide "Alguns aspectos da biologia e do comportamento reprodutivo de Volatinia jacarina (Aves, Emberizidae), em cativeiro", (in Ciência e Cultura, São Paulo, 1976, pag. 903).

A reprodutora ficou fora do ninho duran te todo o dia. Na manhã posterior houve a ovipostura de mais um outro ovo, perma necendo a fêmea fora do ninho. No dia ime diato nada aconteceu e, finalmente, na manhã do outro dia, havia, um terceiro ovo um pouco menor. Mais tarde verificamos que o tisiu-fêmea se aninhara. O macho nos pareceu triste, empoleirado per to da entrada do buraco que dava acesso ao ninho. Nos dias posteriores, porém, voltou a cantár normalmente, em piados curtos alternativos.

Pudemos notar que a incubação foi toda realizada pela fêmea, que permanecia na cavidade do ninho durante a maior parte do dia (cerca de 70% das horas diurnas). Nos dias mais quentes a fêmea banhava se diariamente, durante o choco, em vasī lha que existia à disposição dos reprodutores.

No dia 12 de fevereiro, quando a mãe-tisiu abandonou o ninho para tomar banho e se alimentar, pudemos ver dois filhoti nhos que já haviam rompido a casca ovo, permanecendo o terceiro ovo intacto Esse ovo, talvez infértil, não foi rolado pelos reprodutores para fora do nho, como algumas vezes acontece com outros pássaros indígenas silvestres, fato ja por nos verificado, com canário da ter ra (<u>Sicalis</u> <u>flaveola brasiliensis</u>) caboclinho (<u>Sporophila bouvreuil</u>), curió (Oryzoborus angolensis), com azulão (Cyanocompsa cyanea) e pintassilgoda-Bahia (Spinus yarrellii) em oportunidades. Esse ultimo ovo acabou go rando, mas o deixamos dentro da cavidade do ninho para servir de suporte, ou apoio suplementar, aos filhotes recem-nas cidos.

NOTA: o gênero Spinus é também denominado Carduelis.

ALIMENTAÇÃO - No período que antecedeu a postura foi administrado ao casal os se guintes alimentos : grãos: alpiste, senha, niger, quirerinha de arroz (quebrado), quirera bem fina de milho, trigo para quibe bem moído e diversas sementes de capim silvestres (em cachos ou espigas ainda verdes), atentos, neste particular, às observações de SCHUBART, AGUIR RE & SICK, que notaram, após exame do conteúdo estomacal de muitos Emberizideos adultos, entre os exemplares dos gêneros Sporophila: (Sporophila plumbea

patativa), (S. collaris = coleirinho-dobrejo); S. nigricollis = papa-capim de barriga amarela); (S. lineola = bigodi nho); Oryzoborus: (O. angolensis = curió) Volatinia: (V. jacarina = tisíu), Spinus: (S. magellanicus alleni = pintassilgo) e Sicalis: (S. flaveola = canário-da-terra) um regime principalmente baseado em alimentos vegetais, sendo que, restos des ses materiais, também foram encontrados nos estômagos do tisíu (vide: "Contribui ção para o conhecimento da alimentação das aves brasileiras", in "Arquivos Zool. do Est. de São Paulo, 12, 1965, pgs. 95/249) - Legumes: pepino, maxixe e gilo; Verduras: escarola (três vezes por semana); Diversos : ovo cozido de codorna do mestica (l ovo um dia sim, outro não, al ternadamente; "farinhada" contendo aveia em flocos finos, farinha de rosca, farinha láctea da Nestlé e ração canina marca "Papita" moida em grãos finos. Nesta "farinhada", que era fornecida diariamen te, à vontade, num potinho de louça, adī cionamos ôleo de figado de bacalhau (duas gotas para cada colher de café). Não foi administrada vitamina E aos reprodutores. Na gaiola ficou pendurado um osso de siba; casca de ovo triturada (seca no for no) sempre ficou à disposição, num outro recipiente de barro.

Após o nascimento dos filhotes, além dos alimentos acima referidos. passamos a fornecer, todos os dias, ovo cozido, uma pequena fatia de ricota fresca trocada diariamente e papa de pão amanhecido, em bebido em leite fervido, onde acrescenta mos um complexo vitamínico, marca Sustagem, sabor baunilha. Esta papa era colo cada de manhã e retirada por volta da hora do almoço. Puzemos, também, a partir do terceiro dia, uma fatia bem fina de queijo de soja, mas os pássaros não se utilizaram desse alimento, motivo pelo qual o mesmo não foi fornecido a partir do quinto dia.

Colocamos, nos dois lados da gaiola, duas vasilhas de plástico com bananas bem maduras (nanica) e pedaços de mamão casca para criar mosquinhas-de-fruta (Drosophilas). Estes insetos, voando dentro do gaiolao, eram caçados e devorados com avidez pelos reprodutores.Fornecemos ainda, numa vasilha de plástico redonda, com bordas altas, larvinhas-chinesas ou tenébrios-asiáticos (Palembus dermestoides), larvas essas que se alimentam amendoim cru, numa base de 30 larvas por dia, as quais eram ingeridas com satisfação pela fêmea. É sempre bom lembrar que a proteína é um dos elementos indis pensaveis para a saude e crescimento dos ninhegos.

No terceiro dia após o nascimento dos fi lhotes conseguimos arrumar pupas de cupim. Colocamos umas 20 pupas por dia, que eram comidas com prazer pela fêmea. Num outro recipiente colocamos pulgas-d'água secas (Daphnia pulex), adquiridas em lo jas especializadas em artigos de aquaricultura. Verificamos, entretanto, que os reprodutores davam mais preferência às larvas do <u>Palembus</u>, apesar, de, também, ingerirem em menor quantidade as <u>Daph</u>nias.

Acrescentamos na "farinhada", (que sempre ficava à disposição) um pouco de semente de colza. Passamos a dar, todos os dias, folhas de verduras: escarola e alface crespa. Numa outra vasilha em separado deixamos sementes de alpiste, painço e níger que eram, antes, encharcadas com água. Nos bebedouros pingamos, diariamente, 3 gotas de Protovit (complexo vitamínico do Laboratório Roche).

A alimentação dos jovens nidículas, regurgitada pelos pais, foi realizada mais assiduamente pela tisíu-fêmea, embora o macho haja colaborado, porém demonstrando menor dedicação. Nos pareceu que o ma cho dava mais atenção a um determinado filhote.

RUTGERS esclarece que ambos os país alimentam os ninhegos (apud - "The handbook of foreign birds", Vol. I, 1972, pág.197

CONCLUSÃO - Os dois filhotes cresceram normalmente e foram, depois de uma semana, anelados com anéis da SOB.

No décimo terceiro dia um deles abandonou o ninho. O outro permaneceu ainda mais dois dias. Vinte e seis dias depois, vimos pela primeira vez um dos filhotes se alimentando sozinho, na vasilha das sementes molhadas, a despeito de ainda solicitar, nos dias posteriores, alimen to à mãe.

Os filhotes foram separados definitiva - mente dos pais no final do mês de março, quando averiguamos que já se auto-alimen tavam desembaraçadamente, quebrando as sementes sêcas.

Durante todo o tempo em que os reproduto res alimentaram os filhotes ficou sempre à disposição dos mesmos os ramos das sementes (cachos e espigas) ainda verdes dos capins silvestres.

O casal, depois do crescimento dos filho tes, não voltou a procriar dentro do período reprodutivo anual, pois, entraram em muda em meados de abril.



GARÇA BRANCA PEQUENA (Egretta thula)

Esta garça mede entre 54 e 66 cm. A plumagem é totalmente branca, o loro é amarelo, o bico e os tarsos são pretos e os dedos amarelos; íris também amarela. Na cabeça,longas e delicadas penas que a ave arrepia quando se excita. No dorso,um pou co abaixo das asas, aparecem plumas brancas recurvadas para cima. Do pescoço,pen dem plumas que descem sobre o peito. Esta é a plumagem nupcial do adulto. A fêmea é menor do que o macho.

Sua distribuição geográfica se da pelo litoral e águas interiores da América tropical e temperada, a oeste e a leste dos Andes, do sul dos E.U.A. ao Chile e norte da Argentina, inclusive nas Antilhas e em todos os estados do Brasil. É migrante de longo curso; voa com batidas compassadas das asas, pescoço encolhido lembrando um "ésse" e pernas esticadas; o grasnido é baixo e rouco. À tarde voa para pousos coletivos em "ilhas de mata", compartilhados com outras espécies, mas que não são os famosos "ninhais".



A caça intensa a que foi submetida duran te anos, visando o comércio de penas, fez com que fosse exterminada em certas regiões e em outras, ficasse extremamente rara; entretanto, em várias áreas a sua população se refez, anos após a moda feminina ter deixado de utilizar as penas para enfeitar os chapéus. Para se teruma idéia do que foi esta mortandade, em 1898 só na Venezuela, foram abatidas mais de 1.500.000 garças. Cada uma delas fornece entre 1/2 e 3 1/2 gramas de penas; em 1936, o Brasil exportou mais de 70 quilos.

É uma garça de hábitos diurnos e de alimentação principalmente em meio aquático. Seu método para apanhar os pequenos
animais escondidos, consiste em agitar
ou vibrar os dedos amarelos na lama, den
tro da água. Alimenta-se de insetos aquáticos, caranguejos, moluscos, anfíbios jovens, pequenos lagartos e pequenos
peixes, quando estes aparecem próximo à
superfície, constituindo a menor parte do
seu cardápio.

A procriação tem início entre maio e janeiro, variando de lugar para lugar, tendo forte relação com o período de maior fartura de alimento. A garça branca pequena é agressivamente territorial e barulhenta, executando todo um ritual de hostilidade e advertência; tem outros ri tuais ainda, destacando-se o de pré-acasalamento, onde as penas nupciais representam um papel importante. Uma vez formado o casal, a fêmea constrói o ninho raso de forma aproximadamente eliptica;o macho carrega material, como varas demais ou menos 60 cm para a base, e varetæs cur tas e junco para forrar a cavidade. As posturas variam de 2 a 3, ocasionalmente 4 ovos, de cor verde-azulada desmaiada, nas medidas 43 x 32mm (média) com variações significativas. Macho e fêmea chocam, durante 26 dias aproximadamente; os jovens permanecem no ninho por 20 a dias; porém, só estão aptos a voar após 30 dias de vida. Ambos os pais alimentam os filhotes.

Há registros de reprodução em cativeiro.

Desenho de Rolf Grantsau

Texto de Joaquim S. Carvalho

Bibliografia:

- Hancock, James & Elliott, Hugh The Herons of the World - London Editions Ltd., London, 1978.
- . Santos, Eurico Da Ema ao Beija-Flor Editora Itatiaia Ltda., B. Horizonte, 1979
- Sick, Helmut Ornitologia Brasileira Editora Universidade de Brasília, Bra sília, 1985.

ALIMENTAÇÃO E MANEJO DE AVES

= CONTINUAÇÃO =

Autor: CARLOS KELLER

4- PÁSSAROS QUE MERECEM REFERÊNCIAS EM SEPARADO

A - Cotingas e Broadbills (Eurylame)

Alimentação

No aspecto externo, tanto os cotingideos como os eurylamídeos se assemelham bastante. Na alimentação no entanto existem pequenas diferenças. Tanto os anambés co mo os broadbills possuem a mandibula mui to aberta, decorrente do costume de alimentarem de bagas grandes e inteiras que pegam na copa das árvores. Os broadbills são mais insetívoros que as cotingas, necessitando de uma grande quantida de de larvas de tenébrio e até de coração picado na alimentação.

Existem algumas cotingas, como as arapon gas (Procnias) que são eminentemente fru givoras. Como os cotingideos e eurylamideos não têm o costume de bicar as frutas e delas cortar pedaços, é necessário que se ofereça as frutas já cortadas em pedaços (cubos) pequenos, para que sejam tragados por inteiro. Para evitar que se sujem ao pegar esses pedaços faz-se necessário um cocho raso e largo, pois como seus bicos são curtos, é fácil de se lam buzarem as penas da face. Essas aves tam bém não gostam de pousar no chão, fazendo-se necessário um cocho de comida alto e com um poleiro próximo, de onde elas pousadas possam alcançar o alimento.

O tipo de alimento mais indicado é a banana, o tomate (pouco e sem a polpa, que azeda fácil), o mamão e principalmente o queijo de Minas, que deve ser feito com açucar ao inves de sal. Tudo isso deve ser cortado em cubos pequenos e servido junto. Para que os cubos fiquem nhos, misturar um pouco de ração e agitar é o mais indicado. Os cubos ficarão envoltos na ração, como se fossem "à milaneza" o que facilita a ingestão.

A única ração que demora para azedar, é a chamada "vitamina para canário do reino", de cor alaranjada. Ela adere à fruta evitando que escorra algum caldo que possa grudar os cubos entre si. Para que a alimentação tenha o balanceamento correto, o leitor deve misturar também, mas 7

em pouca quantidade, à anteriormente referida "comida branca".

Para os broadbills, que necessitam de uma alimentação bastante rica em proteina animal, além de queijo podem ser oferecidos cubos de coração de boi e as larvas de tenébrio. Essa alimentação deve ser trocada de preferência duas vezes pordia.

2) MANEJO

À principio vai parecer ao leitor que esses pássaros são extremamente dóceis, até chegar o dia em que a fêmea aparecerá mor ta ou depenada no fundo do viveiro. Devido à inércia natural do cotingídeo, pode parecer que a ave está à vontade no cativeiro. Acontece que as cotingas e broadbills sofrem o mesmo stress das outras aves. Quando um macho é colocado em um viveiro com a fêmea, se ele não estiver ambientado não iniciará a tomada de posse do território e irá parecer ao leitor que o casal está se dando bem.

Logo que a fase de adaptação acabar, irá se iniciar a fase da tomada de posse território e a fêmea passará por intrusa, sendo atacada. (No caso das arapongas, o ataque geralmente é instantâneo, assim co mo o pavor de um pelo outro). Às vezes dase o inverso sendo nesse caso o macho ata

A única forma de se procriar cotingas ése parando o casal por uma tela no centro do viveiro e quando o macho começar a fazer o display para a fêmea do outro lado grade, cortejando-a, deve-se retirar essa separação. Isso deve ser feito com muito cuidado e observação pois o machopode air. da matar a fêmea. Essa separação pode ser feita com uma rede de pescador grossa, pre sa com roletes de cortina a um trilho tam bém de cortina que por sua vez pode estar amarrado na tela do teto do viveiro.

Esse sistema também é muito útil em vivei ros comunitários grandes, para separar um setor em que um casal estiver aninhando. Para que o macho inicie o display ou cortejo da fêmea, o ideal é proprocionar um galho desnudo bem visível, onde esse cortejo possa ser executado em evidência. As sim que a cópula se efetuar, o casal deve ser novamente separado.

Normalmente o macho não toma parte criação da prole pois suas cores berrantes são uma séria ameaça a todos, por cau sa dos predadores. O que o macho faz ficar à espera de outras fêmeas que agradem de suas belas cores.

Quanto aos broadbills, tive um casal por muitos anos no mesmo viveiro sem que hou vesse brigas. Não tenho experiência sufi ciente para saber se esse comportamento

é normal ou uma particularidade do casal. Fica ao leitor a alternativa experiência. Faço referência importante ao ninho do broadbill que se assemelha muito aos ninhos do nosso guacho (Cacicus hemorrhous) ou xexéu (Cacicus cela). Nesse caso, um ninho de guacho deve ser pendurado em local aprazível do viveiro para estimular a procriação.

B - Galos da Serra

Os galos da serra são cotingas e se eu os separei do capítulo anterior é porcau sa de algumas pequenas particularidades na alimentação e principalmente, manejo.

Quanto à alimentação recomendo apenas que se adicione o coração de boi picado, como os broadbills. As larvas não são tanto apreciadas. O uso de pimentas vermelhas é recomendavel mas com moderação. Não se deve dispensar o cataxantine que deve es tar misturado à comida branca que vai en volver os cubos de frutas, carne e queijo. Quanto ao manejo:

Manejo

Os galos da serra, a meu ver estão entre os cotingideos e os piprideos. Creio que o que traiu um pouco os naturalistas na sua classificação foi o seu tamanho, extremamente grande para um piprideo. fossem menores, talvez ocupassem outra família. Assim como os piprídeos, os galos da serra circulam pelo estrato baixo das matas densas. Como eles possuem voo rapido e agil e também como eles, teem o seu display feito em conjunto, como uma dança para a fêmea.

Nos galos da serra, por seu comportamento extremamente agressivo, essa dança to ma a feição de um combate, cabendo aoven cedor o direito de copular, lá mesmo no local, as fêmeas que estão assistindo. Dessa forma a natureza age, selecionando sempre o gen dos mais fortes e mais agres sivos, para a prole. Provavelmente mano seguinte outro indivíduo será o vitorioso, evitando-se assim a consanguinidade.

Como geralmente muitos machos ficam, sem dar a sua contribuição à reprodução da espécie, a captura ou morte desses vistosos e chamativos machos, que geralmen te ocorre em quantidade, não perturba tanto a densidade da espécie para o ano seguinte. A fêmea, por ter a coloração pouco vistosa, não costuma ser molestada. Para se procriar uma ave rara e pou co conhecida como esta, necessita-se de muito conhecimento do seu comportamento na natureza, para que possamos propici ar aos casais o ambiente e manejo mais apropriados.



Desenho de Rolf Grantsau

GALO DA SERRA (Rupicola rupicola)

Outros nomes populares: Galo da Rocha e Galo do Para.

Tamanho: adulto, aproximadamente 32 cm. Descrição: macho: cor geral laranja brilhante, levemente tingida de vermelho, exceto asasas e a cauda, que têm faixas par do-acinzentadas.bico e tarsos fortes amarelados; íris laranja. Topete formado pelas plumas do alto da cabeça, em semi circulo.

Femea: cor geral pardo-olivácea; bico e tarsos da mesma cor da plumagem; iris la ranja-escuro. Topete acentuadamente menor em relação ao macho.

Distribuição geográfica: sudeste da Colôm bia, sul da Venezuela, Cuianas e região adjacente do Brasil.

Como os tangarás dançarinos, os galosda serra escolhem um local na mata, que se rá a "arena" para suas danças, as quais no caso deste último, como já disse, mais um combate e exibição de força. local geralmente é um fundo de mata com cipós emaranhados que servirão de polei ros para suas exibições. As fêmeas fica rão assistindo ao redor. Em um local do chão, previamente limpo com o bico e o rufar das asas, se travará o combate.

Todo ritual é muito semelhante ao daren deira (Manacus manacus) e tomam 8 muitos individuos.

Não sei se com um casal apenas se obterá o efeito desejado e o clima ideal para o macho iniciar o display, pois não haverá luta. Por outro lado, juntarse vários casais, como fazemos com os tangarás dançarinos (Chiroxiphia) é impossível dada a alta agressividade deles e extrema raridade da ave. Juntarse o macho à fêmea também não é aconselhável pois há risco de morte.

Tendo um casal, o leitor deverá agir como se faz com as cotingas no geral, (Parte A), mas o ideal é tentar conseguir mais que um casal. O que vou dizer, ainda é teoria pois nunca foi tentado, mas creio que o resultado será satisfatório.

Pude ver, que fêmeas, geralmente não bri gam entre si, podendo co-habitar o mesmo viveiro. Resta-nos então que construiral guns viveiros menores, um para cada macho, todos esses anexos a um viveiro mai or, onde estarão as fêmeas. Deverão estar separados do viveiro maior através de cortinas de rêde.

O viveiro das fêmeas é que será o princi pal, com o emaranhado de cipós para as danças e ao fundo uma parede de pedra com água em baixo, pois na natureza as fêmeas nidificam em colônia, em ninhos fei tos de barro em forma de meia taça, aderidos às pedras verticais. Geralmente elas procuram as rochas próximas aos córregos. Quando os machos derem sinal estarem querendo fazer a dança (combate), que se abram as cortinas e seja o que Deus quiser! Se minha teoria estiver cer ta, creio que não haverá agressão com a fêmea, até que se dê a cópula. Ter minada esta, deve-se novamente conduzir os machos para os viveiros separados fechar as cortinas.

Na natureza a fêmea toma para si todo o cuidado da nidificação e da prole. È cla ro que é um investimento dispendioso, to do esse aparato e construção, mas creio que justifica-se pela raridade e magnificência do pássaro.

CONCLUI NO PRÓXIMO NÚMERO

SOB - Sociedade Ornitológica Bandeirante Rua Domingos de Morais, 2829 - Sala 3 Vila Mariana - São Paulo - SP - CEP 04035 Brasil

Reuniões às terças-feiras - 20:30 h

OBSERVAÇÕES SOBRE A REPRODUÇÃO

DE PATATIVA EM CATIVEIRO

Autor: Dante Vignini F9

Em meados de setembro de 1983, instalei num viveiro onde tenho alguns pássaros frugívoros juntamente com "papa-capins", uma série de seis ninhos de corda com ar mação de arame, dos comuns, encontrados em casas comerciais. Notei, imediatamente, que uma fêmea Patativa (Sporophila plumbea) se interessou bastante por um daqueles ninhos e decidi retirá-la do viveiro, onde estava já havia meio ano, bem como um macho de Brejal (Sporophila albo gularis), que a seguia constantemente.

Como não possuisse um macho da mesma espécie, achei que poderia isolar aquele casal para observar se haveriapostura de ovos. Instalei os dois pássaros numa gai ola para canários do tipo comum (60 x 40 x 30), com divisão, colocando o ninho a que me referi no lado direito da gaiola, e, próximo ao mesmo deixei amarrado um pouco de capim fino, sêco (Barba de Bode)

Verifiquei logo de início que o casal, apesar de formado por um macho de Brejale fêmea de Patativa "Azul", parecia dar-se muito bem e não tardou para que encontras se dois ovos no fundo do ninho. Não precisei o dia em que isto ocorreu, mas foi em Novembro de 1983. Observei, também, que no interior do ninho se encontravam somente os ovos. Quanto ao capim, não fora utilizado pela fêmea para revestir o ninho, apesar desta, antes da postura, tra zê-lo invariavelmente no bico. Os ovos permaneceram no ninho mas não eram choca dos, e, após aproximadamente cinco dias, como encontrei um deles no fundo da gaio la, decidi retirar o outro.

Em fins de dezembro ocorreu uma nova pos tura, mas de um único ovo, o qual foi cho cado pela fêmea e passados catorze dias sem que a mesma o abandonasse, percebi que se tratava de um ovo "claro". Após obter, em seguida, um macho de Patativa (Sporophila plumbea), retirei de imediato o Brejal da gaiola, deixando a fêmea sozinha e mantendo-a, assim, por dois dias, findos os quais aproximei-a do novo macho que "acertaria" o par, permanecendo, porém, os dois, em gaiolas diferentes. Continuei a manter próximas as gaiolas por um período de mais dois dias,e, no terceiro, juntei o casal numa única gaiola.

De início, a fêmea pareceu indiferente ao novo companheiro que, entretanto, sempre se mostrava em postura "altiva", cantando por repetidas vezes. Coloquei novamen te o capim fino que o casal levava no bi

co, porém não parecendo demonstrar grande interesse embora explorassem ambos, o ninho de corda. Decorrido o período de pouco mais de uma semana, já por terminar janeiro de 1984, ocorreu nova postura, de um ovo, e, após dois dias notei o segundo, os quais foram incubados somente pela fê mea.



Desenho de Rolf Grantsau

Depois de 12 dias, em fevereiro, observei o nascimento de um filhote; sendo que a fêmea permaneceu no ninho, embora saindo por diversas vezes, por mais quatrodias, quando retirei o ovo que não vingara. De corrido o período de apenas 10 dias,o fi lhote já se mantinha equilibrado junto a borda do ninho, e, logo após, fixou - se no fundo da gaiola, onde ambos os pais continuaram a alimentá-lo com frequência. Até o momento da separação do filhote, foi mantido o macho junto ao mesmo, e ao que pude observar, mostrava "interesse" cons tante na alimentação do filho. Quanto à alimentação: desde o início foi de semen tes; alpiste, painço, senha, aveia e arroz integral, sem casca, umedecido de vés pera no leite, gema de ovo cosida amassa da com"Neston" e verduras variadas.

Quando do tratamento do filhote, passeia fornecer diariamente a mistura de gemade ovo com "Neston" e maior frequência de verduras. As larvas em nenhuma vez foram usadas, por não dispor das mesmas na época. Durante todo o período de incubação não retirei a gaiola do local, um "quartinho de fundos"; somente após o filhote permanecer constantemente no fundo da gaiola, passei a retirá-la diáriamente durante a manhã para apanhar sol. Nessa tem porada a fêmea não fez mais posturas. Nã

temporada seguinte, voltou a aninhar, por ovos e chocar; nasceram mais filhotes. O primeiro filhote está agora (maio/85) com 15 meses e plumagem parda.

AVES E OVOS

Esta seção, como todas as demais, está aberta á participação dos associados.Man de informações do tipo das que aqui se encontram. Se os ovos forem observados e/ou coletados na natureza, mande detalhes relativos ao ninho, local, etc.

A seguir, estão relacionados alguns ovos cuja descrição poderá ser útil e interes sante para diversos criadores.

Pipile jacutinga jacutinga (Spix) - Jacutinga.

Distribuição geográfica: Paraguai, nor - deste da Argentina e sudeste do Brasil, desde o sul da Bahia até o Rio Grande do Sul, inclusive o leste de Minas Gerais.

Ovos postos em criadouro (Carlos Kel ler). Casca lisa, branca, tendente à cor creme, sem manchas.

1 ovo. forma ovoide comum.Peso 80 g -71,0 mm x 50,0 mm.

1 ovo forma ovoide alongada. Peso 87 g - 75,5 mm x 51,0 mm.

Mitu tomentosa (Spix) - Mutum. Distribui ção geográfica: leste da Colômbia, sul da Venezuela, sul da Guiana e Brasil oeste setentrional extremo (alto Rio Negro, Rio Branco).

Ovo posto em criadouro (Alcides Vertematti).Polos iguais; cor branca sem manchas casca áspera; medidas:88,5mm x 60,5mm.

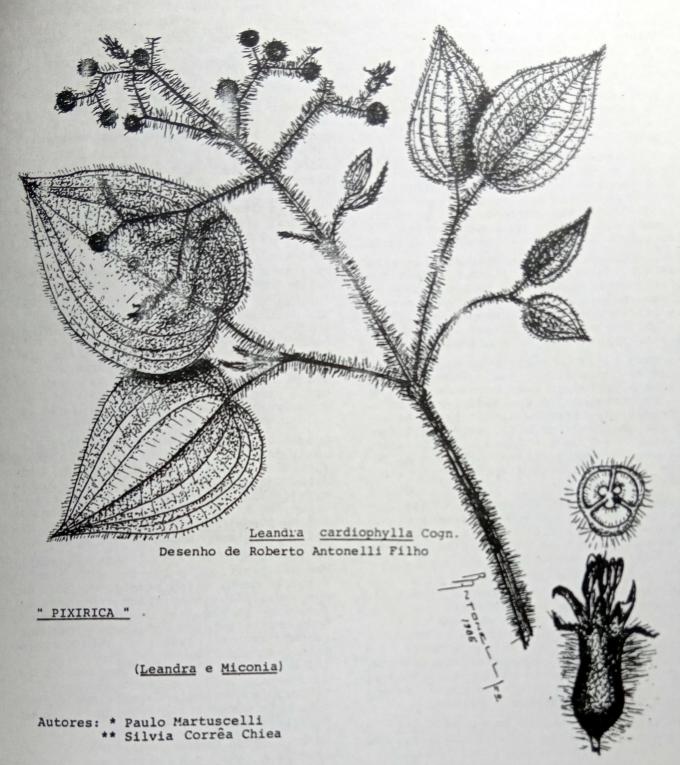
Pyrrhura rhodogaster (Sclater) - Tiriva de Barriga Vermelha. Distribuição geográfica: margem direita do médio Amazonas, do rio Madeira até ao Tapajós e, para o sul, até ao alto rio Paraguai. Ovos postos em criadouro (Nelson Kawall) Formato ovóide comum; cor branca sem man chas medidas: 27,0 mm x 21,5 mm.

Crax blumenbachii Spix - Mutum cavalo, Mutum de bico vermelho. Correção: as medidas do ovo desta ave, que foram publicadas nesta seção no boletim no 2, não estão corretas. As medidas certas são:83,0 mm x 60,0 mm.

As demais informações estão corretas.

Joaquim S. Carvalho





A família Melastomataceae é representada por 200 gêneros e aproximadamente 4.000 espécies distribuídas nas regiões tropicais e subtropicais, sendo sua maior ocor rência na América do Sul.

Ha dois centros importantes de dispersão da família: um localizado nas terras altas das Guianas, que segue para os Andes setentrionais, outro localizado na regiao montanhosa do Brasil Central, com irradiação para a selva pluvial, campos e flora das montanhas, sendo que é nesta última que se encontra o maior número de espécies da família, cerca de 2/3.

Os gêneros Leandra e Miconia, da família Melastomataceae, incluem varias espécies conhecidas popularmente como "pixirica". 11 mide). Suas flores são pequenas, de colo

Tanto o gênero Miconia (com cerca de 1000 especies) como o genero Leandra (200 es-pecies) são plantas facilmente reconheci das pelos seguintes aspectos: são geralmente de porte arbustivo, raramente arvo res, folhas simples, com disposição opos ta, apresentam de 3 a 9 nervuras longitu dinais que acompanham o contorno da folha (nervura curvinérvea). Normalmente as folhas e ramos do gênero Miconia não apresentam pilosidade ou são pouco pilosasen quanto que o gênero Leandra tem seus ramos e folhas densamente pilosas ou pelos bem visíveis.

Quanto à inflorescência é no geral termi nal, em panículas, (na forma de uma pira

ração que varia do branco leitoso até o vermelho. O fruto é do tipo baga de cor negra ou azulada, guando maduros. Sua pol pa de coloração violácea é de sabor doce sem aroma pronunciado.

As sementes são numerosas, pardas, cônicas e duras e no local onde se encontram alojadas no fruto, há grande quantidade

As " pixiricas " apresentam uma característica muito importante no que se refere ao tempo de maturação dos frutos seja, suas várias espécies apresentam fru tos maduros alternadamente, no decorrer do ano, ocasionando um armazenamento de bagas maduras para a alimentação das aves.

Estas fruteiras são encontradas naturalmente na mata, em clareiras naturais beiras de riachos. Em locais sombrios atingem maiores dimensões, ficando a parte inferior da planta desnuda de folhas. Já em locais abertos formam agrupamentos e suas copas ficam mais alargadas.

As aves atuam como dispersoras das espécies de " pixirica". Sendo seus frutos de pequeno porte, as aves normalmente os en golem, inteiros, dispersando as sementes através das fezes. Em alguns casos ao segurar os frutos no bico, estes estouram, devido à sua consistência mole. Com isto, algumas sementes aderem ao bico e às penas da ave, que as dispersa ao se lim par.

Fazendo-se um rápido exame das fezes, pode-se saber se uma ave se alimentou dos frutos de " pixirica ", pois estas tor - nam-se azuladas ou até violetas, contendo inúmeras sementes.

A " pixirica " é um ótimo alimento para as espécies de aves frugívoras, pois são altamente energéticas devido à quantidade de açúcares contidos em seus frutos . O fruto contem ainda uma alta concen tração de pigmentos que lhe confere coloração típica (antocianinas). Estes pig mentos provavelmente estão relacionados, com a manutenção da cor de certas espé cies de aves em ambiente natural.

Na literatura existem bem poucas cita ções sobre a dieta natural das aves qual esta fruteira participa. Dados bi bliográficos informam que foram encontra das sementes de "pixirica" (miconia spp. e Leandra spp) no conteúdo estomacal seguintes aves: tico-tico(Zonotrichia ca pensis subtorquata), saíra cayana), tangará dançarino (Chiroxiphia caudata), juruviara (Vireo chivi chivi) tie de topete (Trichothraupis melanops), pavo (Pyroderus s. scutatus) galo da ser ra (Rupicola rupicola) e o sabiá branco -(Turdus leucomelas).

No trabalho de campo, a maioria das aves observadas bem como a coleta de material botânico para identificação, foram obtidos na região serrana de Miracatú, Sítio Irapuã. Neste local, as espécies conheci das popularmente como "pixirica" são as seguintes: Leandra cardiophylla Cogn. , 12 =

Leandra glazioviana Cogn., Leandra cuneata Cogn., Leandra debilis Cogn., Leandra tetraguetra Cogn. e Miconia inaequidens

Em observações de campo foi constata da a presença das seguintes aves se ali mentando dos frutos das especies acimaci tadas: saíra sete cores (Tangara selecion), salra verde (Tangara desmaresti) salra de lenço (Tangara cyanocephala), saira (Tangara peruviana) tangará dançarino (Chi roxiphia caudata), gaturamo (Euphonia pectoralis) tie de topete (Trichothraupis me lanops) e o gurundi (Tachyphonus coronatus);

Visitando suas flores foram observados o beija-flor preto e branco (Melanotrochilus fuscus), beija-flor tesoura (Thalura nia glaucopis), beija-flor tesoura (Eupetomena macroura) e a cambacica (Coereba flaveola). Provavelmente estas aves visi tam as flores atraídas pela sua cor característica. Como nestas flores a quantidade de nectar é pequena, as aves vêm à procura de pequeninos insetos, tais como drosófilas e algumas vespas que se encontram no seu interior.

Outras aves que já foram observadas ali-mentando-se de frutos de "pixirica"são : surucuá de barriga vermelha (Trogon), rendeira (Manacus manacus) e pomba (Columba picazuro) na Reserva Estadual do Morro do Diabo, no Pontal do Paranapanema, bem como o jacú (Penelope superciliaris) nas matas do Jardim Botânico de São Paulo.

Devido às suas características vegetativas, a "pixirica" pode ser usada para a formação de viveiros plantados. Uma vez que estas plantas apreciam ambientes úmi dos, deve-se escolher um local no mesmo onde exista umidade constante e permaneça parcialmente sombreado, pelo menos no início do plantio. Nestes locais, a fruteira se desenvolve bem, tornando-os ade quados para abrigo e pouso das aves.É in teressante o plantio de diferentes espécies pois estas se intercalam na de frutificação.

Para se obter mudas, pode-se optar dois processos: o da propagação vegetati va, feita através da estaquia e o da pro pagação por semeadura, por meio de semen tes. Independente do processo pelo qual estas plantas foram obtidas, após um cur to intervalo de tempo, esta fruteira pro duzirá os frutos tão apreciados pelas aves.

- *Estagiário do Instituto de Botânica de São Paulo
- ** Pesquisadora científica II Instituto de Botânica de São Paulo.

Autor: Ennio de Araújo Flecha

CARDEAL

No sul do Brasil existem 2 passaros família dos Fringilídeos que são conheci dos pelo nome de Cardeal, embora de gêne ros diferentes. O Cardeal Amarelo ou da Argentina (Gubernatrix cristata, (Vieil - lot), 1817, e o Cardeal de Topete Verme lho ou simplesmente Cardeal (Paroaria co ronata, P.L.S. Müller, 1776), conhecido também por Cardeal do Sul, Galo da Campi na, Tinguaçu Paroara, Tiê-guaçu, Paroara Guira tiririca, Cardenal na Argentina Red-Crested Cardinal em inglês e que é o que vamos tratar aquí. Quanto aos outros Paroaria, que são vulgarmente chama dos de Galos da Campina, abordaremos nou tro capítulo.

O nosso Cardeal ocorre na Argentina, Uru guai, Paraguai, Bolívia e no Brasil no Río Grande do Sul e sudoeste de Mato Grosso. Mede de 182 a 200 mms. e pesa de 24 a 37 gramas, pois varia muito de tamanho.

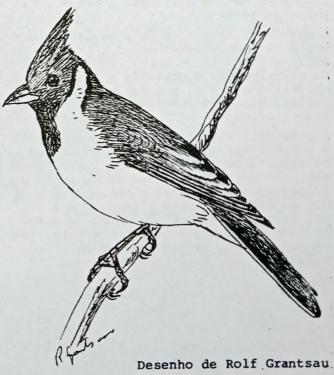
Tem a cabeça com um topete, garganta peito de um vermelho brilhante, lado do pescoço e lado ventral brancos, lado dor sal, cauda e asas cinza escuro sendo que as grandes penas das asas com margens mais claras. Bico cor de chifre, pernas, pes e olhos marrom escuro. Macho e femea são absolutamente iguais, não sendo exatas as várias informações que correm sobre o dimorfismo, tais como a cor vermelha do macho ser mais forte, a descida do vermelho no peito ser mais longa, tamanho, voz, etc. Quanto à voz ambos cantam e muito e o fato de alguns acharem que o macho vira o canto em 3 a 4 notas e a fêmea apenas em duas não ficou prova do, pois sei de machos e fêmeas que têm tanto este como aquele comportamento.Fiz vários contatos com gaúchos entendidos em Cardeais e mesmo entre criadores espécie, que por vários anos tiveram ninhadas deles e não pude constatar que houvesse uma diferença constante os machos e as femeas.

Vivem em grandes bandos, quasi sempre às margens de rios e vargens onde as sementes permanecem sempre verdes, até que na primavera isolam-se em casais e vão de terminar seu território onde construirão o ninho formado de raízes e gravetos, a alturas variáveis, mas quase sempre nos galhos de fora das árvores altas. Põem de 3 a 4 ovos de fundo verde claro, manchados de borras marrom que vão escurecendo no polo rombo. Os ovos medem 27 x 20 mm. 13

e pesam 2,6 a 3 gramas. A choca dura de 13 a 14 dias e em igual número de dias filhotes jā emplumados saem do ninho, man tendo a coloração de jovens (cabeça alaranjada) até cerca de um ano e meio.

Embora não sendo a ave símbolo do Grande do Sul, que é o Quero-Quero(Vanel lus chilensis cayennensis, Gmelin, 1789) e muito afeita aos gaúchos que muito a estimam e apreciam. Frequentemente encon tramos no interior do Rio Grande do Sul, o Cardeal em gaiolões, soltando o seu canto agressivo, corrido e modulado vi-rando entre 2 a 4 notas bem distintas.Ho je o canto dessa ave é tão apreciado que no Sul já se fazem torneios premiando os de melhor empostação e volteios de voz.

Em cativeiro criam com relativa facilida de, desde que se junte um casal certo, o que não é fácil, dado a extraordinária semelhança entre eles. Alimentam-se basi camente de sementes de alpiste, painço, arroz em casca, cânhamo e girassol, mas não dispensam uma fruta de vez em quan do. Na epoca de filhotes acrescentamos a gema de ovo cozido e larvas de Temebrio molitor para completar a dieta de protei na animal de que tanto necessitam.



Possuo no momento três mutações pássaro. Um casal cinza bem diluído, com olhos marrom claro, próprios das muta ções canela, pernas e pes da mesma cor , que já botou algumas vezes, sem sucesso na sobrevivência dos filhotes, e um macho da cabeça dourada, belo exemplar, cuja mu tação na cor da cabeça dá um visual magnífico ao pássaro. Dessa cabeça dourada, jā consegui dois filhotes, por sinal duas fêmeas, que este ano começaram a botar e que acasaladas com o pai, espero conse guir descendentes à sua semelhança. Recentemente recebi uma femea de crista amarela.

CIGARRINHA CHIADEIRA

Com o nome de Cigarrinha Chiadeira, cujo canto algo chiado e corrido já identifica, temos no Brasil 3 espécies da famí lia dos Fringilídeos, a saber: Sporophila falcirostris que habita o Brasil meri dional entre Minas, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Parana; Sporophi la schistacea longipennis que ocorre Brasil setentrional, isto é, norte do Amazonas e leste do Pará e a Sporophila in termedia intermedia, que é encontradanas fronteiras da Colombia e Venezuela e alguns autores já dão como existindo tam bém no lado do Brasil, no extremo norte da Amazônia.

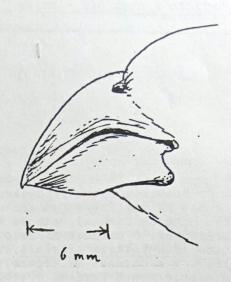
Vamos tratar da Sporophila falcirostris, da qual tenho uma mutação. É no geral . cinza escuro (quase ardósia) tendo faixa no pescoço, centro do lado ventral e aureola branca em redor dos olhos, infra-caudais ocre, com um espelho branco nas asas. Bico de um amarelo forte uma espécie de arco na maxila. Pernas pes e olhos marrom escuro. Isto no macho pois a fêmea e os jovens são marrom oliva, com a barriga mais clara e o bico pre to. Medem de 105 a 114 mm. e pesam torno de 13 gramas.

A voz é uma sequência de chiados embora com modulações melodiosas que lembra zinir da cigarra, o homóptero que aparece na primavera anunciando a chegada das chuvas. O seu nome popular, Cigarrinha -Chiadeira, advém, certamente, da parecen ça do canto.

A diferença básica entre esta especie a schistacea está no bico, cujo desenho de autoria de Rolf Grantsau ilustra este artigo e que pode-se observar naquela que a largura da mandibula é exatamente o do bro da maxila e, na schistacea aparece nos lados do pescoço uma mancha branca ovalada o que não ocorre com aquela. Além de que a falcirostris é menor em todas medidas.



Sporophila falcirostris



Sporophila schistacea longipennis

É pássaro muito apreciado pelos passarinheiros que o mantêm em gaiolas por causa do seu canto e como ornamento cores do amarelo vivo do bico sobressain do na cor geral ardósia de sua plumagem.

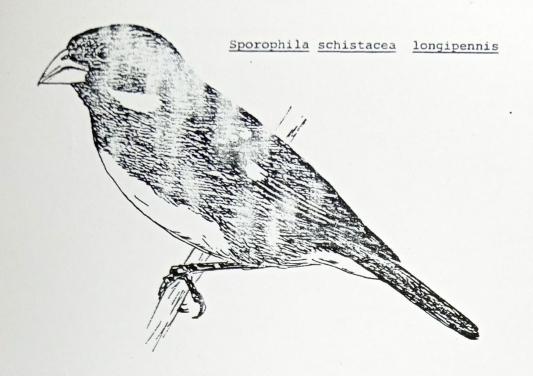
Alimenta-se de sementes de alpiste, painço, senha, arroz em casca e capim Nava lha de Macaco (ou Tiririca) e cria com facilidade em cativeiro, colocando a fêmea de 2 a 3 ovos, cinza palido levemente lavado de ocre esverdeado, com pintas e manchas marrom, medindo 18,2 x 13,3 mm

No ninho em forma de taça aberta, a fê mea se ocupa da incubação que leva treze dias, saindo os filhotes já emplumados ao cabo de 13 dias também.

Tenho um macho todo branco dessa Cigarri nha Chiadeira, que acasalado há cerca de um ano já conseguiu posturas de cheios, mas não sobreviveram os filhotes ainda.

Ocorre um fato interessante com esse pás saro . Os museus possuem poucas peles em suas coleções, como o de São Paulo, que só tem uma femea e no de Nova Iorque não existe nenhuma. Entretanto essa ave muito comum no nosso litoral sul; durante vários anos eu ví, com um comerciante que tinha um sítio na região, centenas delas tanto machos, como fêmeas ou jovens.

O cientista Rolf Grantsau que por muitos anos coletou e preparou peles de aves pa ra o Museu de São Paulo e para sua pro pria coleção, informou-me que nunca na natureza uma Cigarrinha macho adulto, em suas andanças. Tem ele, também, apenas a pele de uma fêmea. Vamos, ele e eu, a-pós sua viagem à Antártida, fazer uma observação no litoral sul de São Paulo , onde sei existem aos bandos, para uma ve 14 rificação correta do fato.





Bibliografia:

. H. Lorenzi - Plantas Daninhas do Brasil.

. H. Sick - Ornitologia Brasileira.

. J. L. Peters - Check-list of Birds of the World.

. G. O. Pinto - Catálogo das Aves do Brasil.

. P. N. Neto - A Criação de Animais Os desenhos Indígenas Vertebrados. são de autor

. R. Grantsau - Arquivo do seu livro em preparo para publ<u>i</u> cação.

. Meus arquivos

Os desenhos são de autoria de Rolf Grantsau. Autor: Carlos Armando Macedo

Tudo começou em uma pescaria próximo a Coti , SP. Um dos pescadores enganchou o anzo num galho de árvore e, ao retirá - lo, derrubou um ninho de sanhaços (Thrau pis sayaca), com dois filhotes ainda implumes.

Levei-os para criá-los no "palito", só o menor sobreviveu, tornando-se pássaro mui to manso, que come larvas de tenébrio e pedaços de fruta na minha mão.

Julgando-o uma fêmea, consegui com um amigo um exemplar, que me foi garantido ∞ mo macho.

Coloquei os pássaros em duas gaiolas de criação (0,70 x 0,40 x 0,32) justapostas lateralmente e divididas por uma grade removível.

A princípio, agrediram-se muito, mesmo através da divisória.

No começo de julho deste ano, notei que a fêmea "pedia gala". Retirei a grade, jun tando o casal. Acrescentei um ninho de corda, cercado por folhagens artificiais como faço com meus granívoros. Desprezan do-o, a fêmea botou dois ovos...na tigela de barro da ração! Dois ovos azuis , pintalgados de roxo, com 23 x 18 mm, eis que os autores dão para ovos da espécie, as dimensões de 24 x 17 mm.

A sanhacinha chocou com grande empenho: mesmo cotucada com o dedo, não abandonava o "ninho", bicando-me quando assimpro cedia, como uma pequena galinha choca.

Duas semanas depois, um filhotinho. A ali mentação oferecida foi: larvas de tené - brio, frutas amassadas com complexo proteico-vitamínico-mineral, frutas "in natura", ração de amendoim, ração de canários, pepino, almeirão e escarola.

Nunca vi o macho alimentando o filhote, mas não posso afirmar que ele não o fizesse. Sendo mais arisco, talvez o evitasse na minha presença.

Aos seis dias, anelei o sanhacinho e, pas sado mais alguns dias, retirei-o do ninho, terminando por criá-lo "no palito".

Uma semana após. a retirada do filhote, a fêmea agrediu o macho, chegando a ferí - lo bastante. Voltei a separá-los, espe - rando época em que ela novamente se torne propícia ao acasalamento.

A churrascada anual da SOB foi realizada em 14 de setembro no sítio do sócio Luiz Maluf. Três confortáveis ônibus e vários automóveis, transportaram associados e familiares até às proximidades de Juquiá pela BR-116, região onde se localiza o referido sítio.

Todos, muito bem recepcionados pelo Luizinho, puderam desfrutar de excelente ∞n vívio e do espetáculo proporcionado pelos beija-flores, que em quantidade e ∞n fiadamente, voavam pelo jardim.

Outro ponto alto, foi o churrasco e o chope servidos pela equipe da Churrascaria Comanche, de propriedade do consócio José Armando.

Em 27 de setembro, Rolf Grantsau profe - riu palestra sobre beija-flores, a convite da Sociedade Hans Staden de São Paulo.

Ainda Rolf Grantsau, em 5 de outubro (Dia da Ave) desenvolveu palestra sobre o tema "Sistemática das Aves Aplicada à observação na Natureza". O patrocínio foi do Clube de Estudos Ornitológicos (Ceo). A apresentação foi de Ennio A. Flecha, presidente da SOB.

Roberto Antonelli Filho e Haroldo Palo Ju nior, viajaram até ao coração do Pantanal Matogrossense, para fotografar, observar e estudar as aves características da região. Voltaram contando maravilhas e tam bém ,que continua o extermínio de jaca rés pelos "coureiros".

No mês de outubro, dois Criadouros Amadores foram elevados pelo IBDF à categoria de Criadouros Científicos; os sócios beneficiados foram Nelson Kawall e Carlos Keller.

C fotolito para a capa a cores deste número, foi executado graças ao apoio de Isoldi S/A Corretora de Valores Mobiliários, Praça Antonio Prado, 33 - 159 - Sao Paulo-CEP 01010-Teléfone: (011) 36.81.77.

Trata-se de Corretora de larga e sólida tradição no mercado de ações, câmbio e títulos de renda fixa, com mais de 60 anos de atividade ininterrupta em São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.